

CAPÍTULO XIV – COMEÇAR A ENTRAR EM CONTATO CONSCIENTE COM OUTROS PLANOS DE EXISTÊNCIA

Claude Rathburn julgou oportuno o momento para retornar ao vilarejo. A miséria em que viviam os Remington e a vida de privações e dificuldades de Marozia serviam de estímulo ao seu egoísmo — embora este não precisasse de tal incentivo para florescer. Naquele momento crítico, sentiu uma euforia infundada, uma confiança não totalmente justificada por suas experiências anteriores com Marozia. Ele sabia que ela trabalhava arduamente — chegando a ajudar nas tarefas domésticas da casa onde estava hospedada, para poder destinar uma parcela maior de sua parca renda ao pai. Ao repassar a situação mentalmente, ponderou consigo mesmo:

“Diabos, que criatura atrevida e orgulhosa ela é! Mas eu não daria muito valor a uma mulher que não tivesse um pouco de fibra. Essa atitude lhe cai bem; ela é sempre tão vivaz! E é tão doce quanto vivaz! Não consigo imaginar como, em nome do bom senso, deixei as coisas chegarem a esse ponto com ela — é inacreditável! Preciso mudar de tática. Será que consigo deixá-la com ciúmes de Sarah Thomas? Vou tentar... embora garotas como ela, que se jogam para cima de um homem, pareçam tão vulgares e sem graça perto de Marozia Remington. Ela é um prêmio que vale a pena conquistar a qualquer custo! Mas confesso que estou ficando de saco cheio dessa farsa no vilarejo e dessa história com a Sarah Thomas!”

A Villa foi redecorada e ganhou móveis novos; Claude começou a receber convidados. A elite local ficou em polvorosa. Como se supunha que Marozia estava fora da disputa, as outras candidatas ao casamento respiraram aliviadas, embora redobrassem os esforços para conquistar o “prêmio”.

A ingênua Sarah Thomas estava radiante de felicidade, exceto por uma pequena sombra de preocupação. Tom Gregory sentia falta de Sarah e não

conseguia compreender por que ela morava na Villa. Ele foi perdendo a alegria habitual e ficando atormentado.

— “Olha, Sally”, argumentou ele, “se você cismou de ajudar a Sra. Reed com os afazeres, podia vir aqui à noite e ficar com a mamãe. Ela precisa mais de você do que a Sra. Reed — ou o Sr. Ossudo!”

Sarah sorriu com um ar de desafio e seguiu para a Villa, onde estava hospedada na função de auxiliar de governanta. Claude Rathburn viajava frequentemente de e para a cidade e, certa vez, trouxe consigo um suposto vidente — um ocultista que havia conquistado grande reputação em Nova York como mestre de certos mistérios. Claude já se aventurava no ocultismo há muito tempo e, para ele, não importava estar perigosamente próximo da fronteira da magia negra. Ele levava até o fim qualquer objetivo que se propusesse a alcançar, mesmo que isso conduzisse à ruína — a infernos de desespero. Claude e o Swami, como o homem era chamado, passavam horas a fio trancados em um dos aposentos do andar superior da Villa. Após algumas semanas, o rosto de Claude começou a exibir um ar de triunfo.

Certo dia, enquanto Sarah Thomas caminhava entre as macieiras em flor no início da primavera, Claude juntou-se a ela.

— “Não é maravilhoso para você, Sarah?” — Os olhos da jovem brilharam de alegria.

— “Ah, eu nunca sonhei com uma vida assim... é o paraíso! Mas não consigo entender... eu temia que você gostasse mais de Marozia Remington do que de mim. Agora não penso mais assim... embora você nunca tenha me dito realmente que... me amava!”. Ele desviou o rosto para esconder um sorriso de ironia divertida, e Sarah acrescentou rapidamente:

— Mas eu a odeio!

— Por que você a odeia?

— Ah... não sei... Ela tem ares de superioridade! Para começar, sente-se acima das outras pessoas!

— É mesmo? — Aquele tom de brincadeira provocadora o divertia imensamente naquela época.

— Sim, e digo a você: eu a odeio!

— “Você sabe o que o ódio faz, Sarah?” — A jovem permaneceu em silêncio.

— “Bem, um dia eu lhe conto. Continue assim... é uma boa arma para usar!”. As palavras dele a deixaram assustada e intrigada. No entanto, ela não se deixaria desviar de seu propósito naquele momento e insistiu em conduzir a conversa para o rumo que desejava.

— E o senhor nunca gostou dela, Sr. Rathburn?

— Não seja sentimental, Sarah! — A jovem estremeceu, sentindo vergonha.

Ele acrescentou rapidamente:

— “Você está com uma ótima aparência ultimamente! Aquele aspecto doentio desapareceu e seus olhos estão brilhantes. Mantenha-os assim — pelo bem do Tom. Um homem gosta de uma mulher vibrante; ele nunca se cansa de alguém cheia de vida!” Mais uma vez, ela estremeceu de dor.

— “Eu gostaria que você não falasse do Tom Gregory... você sabe que eu também o odeio!”

— “Nossa, que talento maravilhoso você está desenvolvendo para os 'Lúciferes' aproveitarem! Um dia você será uma das grandes estrelas deles!”. A ironia dele passou despercebida por ela — ela tinha um objetivo a alcançar.

— “Por favor, diga-me, Sr. Rathburn, que você não se importa nem um pouco com a Marozia Remington!”

— “O que colocou essa ideia na sua cabeça? Alguém sugeriu tal possibilidade?”

— “Sim, a Sra. Gregory disse que ela estava tentando fisgar você, mas que as garotas Watson poderiam acabar ficando com você.”

— “Hum... e serem presas por bigamia! Ha, ha, essa é boa! Mas o que mais ela disse?”

— “Que você ia vê-la com frequência. —'Namorando' — foi a palavra que ela usou, mas sem pronunciar o 'o' final.”

— “Agora você está despertando, Sarah, e pode vir a me divertir muito!”.

Ela ergueu o olhar, surpresa e desconcertada, ao ouvir o tom e as palavras dele. O rosto bonito exibía um sorriso — um sorriso dirigido a ela —, e a leve sombra desapareceu. Ela não conseguia perceber nuances sutis, fosse de ironia divertida ou de sátira.

— “Nunca acreditei no que ouvi, pois achava que você se importava comigo, mesmo que eu não esteja à sua altura! Mas sinto um pouco de ciúme... dela!”

— “Ora, isso é natural — as mulheres sempre sentem ciúmes umas das outras! Mas nunca acredite nem na metade do que ouve, Sarah! As fofoqueiras da aldeia vivem de bisbilhotar a vida alheia; isso é o pão de cada dia para elas. Já

o pessoal da cidade encara a fofoca apenas como um aperitivo. Prefiro que sejam estes últimos a tratar dos meus assuntos.”

Ralph Remington começava a perceber que estava sob uma nuvem de desconfiança aos olhos de seus vizinhos. Levava mais tempo para se dar conta de fatos sórdidos e desagradáveis do que uma Mente menos espiritualizada. Além disso, estava absorto em sua nobre missão e pouco se importava com as coisas exteriores.

Outro sentido despertava em seu interior: ele começava a entrar em contato consciente com outros planos de existência. Ao despertar pela manhã, ouvia uma música sublime que flutuava em direção às esferas etéreas. Cores que desafiavam a capacidade de reprodução dos pigmentos terrenos — cores que os grandes mestres da arte buscavam, mas jamais conseguiam transpor para a tela — encantavam sua alma, que retornava a cada manhã revigorada por suas experiências gloriosas nos Mundo celestiais. Ele já ouvira um tênue eco dessa música em outros tempos, quando, nos grandes conservatórios, sentava-se fascinado ao som das obras de Wagner, Beethoven, Gounod e Liszt.

Nos grandes órgãos de tubos e nas famosas orquestras, ele havia captado um presságio, uma profecia, um eco daquela música que ainda reverberava em seu íntimo ao despertar; sua própria alma vibrava com essa lembrança. Por diversas vezes, a Presença radiante estivera com ele, e seu trabalho recebera um novo batismo. Um brilho elétrico permeava seus pensamentos.

Ele precisava desse novo estímulo, pois sua vida doméstica tornava-se, a cada dia, mais miserável e deprimente. A Sra. Remington, com aquela propensão desastrada que parece ser um traço inato de certas mulheres insuportáveis, sempre relatava coisas desagradáveis justamente quando a Mente do marido estava ocupada com a criação. Ela sentia um prazer deliciosamente malicioso ao vê-lo contorcer-se em silêncio, torturado. “Vou tirá-lo de seus sonhos”,

exclamava ela em pensamento. “Bem-feito para ele! Ninguém tem o direito de perder tempo brincando com uma pena!”.

Pouco lhe importava se ele caísse das nuvens com um baque devastador; ela não lhe ofereceria sequer um paraquedas para uma descida suave e indolor.

Certo dia, ela foi mais cruel do que de costume. Com uma espécie de júbilo diabólico, observou o efeito da calúnia que acabara de proferir. Por um instante, sua Mente elevada pareceu atordoada pelo esforço de compreender o verdadeiro alcance daquelas palavras cruéis; depois, ele voltou-se em silêncio para o trabalho. Apenas uma palidez mais intensa denunciava a ferida.

— “Bem, você tem algo a dizer?” ela exigiu, após esperar tempo suficiente para que o veneno fizesse efeito.

— “Nada”, respondeu ele, enquanto se inclinava levemente para a frente e protegia os olhos do sol poente, cujos raios incidiam diretamente em seu rosto.

— “Bem, acho que já passou da hora de você dizer alguma coisa, agora que as coisas chegaram a esse ponto.”

— “Se pararmos para responder a cada calúnia pelo caminho, nosso progresso será lento.”

— “Você e Marozia são iguais! Mas vou lhe dizer uma coisa: estou cansada de viver assim e não vou mais suportar isso! Se você não obrigar Marozia a se casar com Claude Rathburn e nos deixar viver como devemos, eu deixarei vocês dois!”

A Sra. Remington assustou-se com o efeito de suas palavras cruéis. Ela não estava preparada para o resultado. Ralph Remington levantou-se e ficou de frente para ela. Parecia ter ganhado estatura enquanto seus olhos a perscrutavam profundamente. Então, eles subitamente incendiaram-se com

um desprezo diante do qual ela se encolheu, intimidada. Quando esse desprezo surgiu em seu olhar, pareceu encontrar outra força com a qual se fundiu, e a mulher cruel à sua frente sentiu o poder de um homem que assume o comando. Era uma experiência nova para ela — e para ele. Foi preciso justamente esse auge de injustiça cruel e de insolência provocadora, acumuladas ao longo de meses e culminando neste ultimato desafiador, para despertar suas forças latentes e completar a formação de seu caráter. Naquele momento crucial, ele viu tudo sob uma nova perspectiva: sua antiga atitude de paciente tolerância diante de provocações e abusos, bem como sua docilidade branda frente a calúnias e injustiças, agora lhe pareciam fraqueza.

Naquele instante, ele alcançou o equilíbrio, a combinação perfeita, a fusão das duas forças, cuja união constitui o poder e a compaixão.

Daquele momento em diante, ele era o senhor da situação.

Quando finalmente falou, em tom lento e ponderado, havia uma nova nota de determinação em sua voz.

— “Nunca pensei que veria este dia, ou que sentiria o que senti há pouco — vergonha e desprezo pela mulher que ostenta o meu nome! Você me apresentou uma alternativa — e eu a aceito! Peço apenas que aguarde até que meu livro esteja concluído e no mercado, para que eu possa assegurar-lhe uma provisão financeira. Depois, você poderá escolher onde morar, e eu espero passar o resto da minha vida em paz — uma paz que não conheço desde que nossas vidas incompatíveis se uniram no altar!”.

Ele virou as costas e a deixou ali, paralisada pelo medo covarde das consequências que ela mesma havia provocado; contudo, não sentia arrependimento nem remorso. Tais sentimentos nobres pertenciam a um estágio de evolução que ela não havia alcançado. Estava demasiado cristalizada em seu egoísmo para sentir qualquer coisa além de covardia,

medo e um ressentimento surdo. Ela tentara levá-lo à ira. Aplicara sanguessugas e cantáridas à natureza sensível e gentil dele, mas, de alguma forma, dessa vez a tática não surtira o efeito esperado. Aparentemente, ele permanecera alheio, com calma, a todas as injustiças e ultrajes acumulados ao longo de meses e anos. Ela o julgara desprovido de fibra por ter se submetido silenciosamente por tanto tempo. Como tantas outras mulheres insensatas, ela dera um passo além da conta e desperdiçara, num único momento trágico, a maior bênção de uma mulher: o afeto e o respeito de um homem nobre.

Enquanto Ralph Remington caminhava sob as árvores, tentava elaborar um plano, mas em vão. Repassava mentalmente toda a situação angustiante do último ano. Enquanto ainda vivia na Villa — cercado pelas terras de seus antepassados —, a possibilidade de um desastre não lhe parecia tão aterrorizante. Sabia que não havia prejudicado ninguém conscientemente e, com essa convicção, enfrentara as ameaças de Horace Rathburn com o espírito de um herói e mártir. Sentira aquele frêmito momentâneo e triunfante que o santo condenado experimenta quando sua sentença é proferida e ele vislumbra glórias invisíveis. Vivia tão imerso nessas glórias que não conseguia compreender a imensidão do sofrimento que se pode vivenciar no plano físico. Seu Espírito regozijava-se em sua inocência, em sua nobreza de propósito, e ele não sentia a tortura. Vivera para concretizar seus belos ideais, talvez não tanto por amor à Humanidade em seu coração, mas pela ideia de ser fiel ao Propósito Divino em sua vida.

Seu amor pela Humanidade manifestava-se como uma compaixão gentil diante de seus múltiplos desvios. Incomodava-o o fato de ela não conseguir enxergar, com a clareza de sua visão, as alturas luminosas das possibilidades da alma. Ele sentia as correntes divinas circulando por sua vida. A grandeza de seu Espírito conferia uma glória transformadora a tudo, e todos que entravam em sua esfera de influência sentiam algo daquela doçura e elevação. Mesmo para os de Espírito simples ou vulgares, ele parecia alguém “separado”. Falhar

em qualquer aspecto significava uma profunda angústia de Espírito. Ele prezava imensamente concluir as coisas — dar plenitude e completude à sua vida e à sua obra. Houve um tempo em que acreditara que isso seria possível — numa única existência. Isso fora na juventude, antes que suas perspectivas se estendessem até o infinito.

Agora — desde sua última experiência trágica — era como se seus belos ideais tivessem sofrido um golpe mortal e cruel. Ele se via como que através de lentes duplas: como sabia que era, e como os outros, com sua visão distorcida, o viam. Esse é um dos testes cruciais de uma grande alma. Se for digna — se estiver pronta —, ela seguirá sozinha até o fim, a despeito de críticas mesquinhas ou calúnias. Seguirá de forma grandiosa, majestosa, em meio ao choque e ao colapso de um mundo em agonia — tal como os deuses caminharam para o seu Ragnarök¹. Uma alma menor, que ainda não reuniu forças para romper a casca exterior e alcançar a Luz interior, tropeçará em desorientação e desesperança diante das cruéis investidas do destino. A alma ignóbil, por sua vez, definhará completamente no cadinho de fogo.

Ralph Remington não conseguiu escrever mais nada naquele dia, nem no seguinte. Parecia paralisado pelo golpe. Toda a sua bela inspiração dissipara-se como uma essência etérea. Sua fraqueza física abatia-lhe a esperança e o coração.

— “Marozia Marozia, venha até mim. Preciso de você!”, murmurou ele, enquanto sua cabeça pendia sobre a escrivaninha e a consciência se esvaía.

¹ N.T.: Na mitologia nórdica, Ragnarök (em português: destino final dos deuses), representa a escatologia nórdica, marcado por uma série de eventos que conduziriam ao fim do mundo.